

**A ESCRITA DO TREMOR<sup>1</sup>:**  
**LA COHEE DU LAMENTIN, DE ÉDOUARD GLISSANT**

por Claudia C. Amigo Pino<sup>2</sup>

Não há como resenhar “objetivamente” um livro de Glissant. A sua escrita nos coloca no olho de um furacão no qual nenhuma crítica pode formar uma linha reta: apenas espirais. Embora meu objetivo aqui seja trazer o leitor para esse furacão, é preciso dar alguns pontos de apoio, para não ser lançado – ele e esta resenha - ao vento. Assim, a minha leitura aqui propõe um recorte: discutir as implicações do livro *La cohée du Lamentin*, de Édouard Glissant (2005) para a crítica genética e os estudos sobre criação literária. Para isso, começamos por um breve resumo de suas propostas de livros anteriores, especialmente *Le discours antillais* (1981) e *Poétique de la Relation* (1990), para entrarmos depois na fase mais recente do autor, iniciada em *Traité de tout-monde* (1997).

À primeira vista, os conceitos propostos por Édouard Glissant - escritor e crítico da Martinica, conhecido por suas contribuições aos estudos culturais e à crítica da literatura pós-colonial - contradizem a crítica genética.

Porém, ele auto-denomina “poética” a sua obra, o que necessariamente remete a um momento anterior à obra publicada. As poéticas de Aristóteles, Horácio e Boileau, para dar os exemplos fundadores, propunham regras de composição para os escritores. Já as poéticas de Valéry e Todorov, para dar exemplos mais recentes, propõem encontrar padrões comuns para textos diversos, já não amparadas nas idéias de “beleza” ou “bom gosto”, mas a partir da análise de um conjunto de textos. Ou seja, Glissant reclama algum tipo de relação (ele não gostaria da palavra “filiação”) com essa reflexão anterior à obra literária, que procuraria padrões a partir da diversidade. Justamente o que Almuth Grésillon (1994) considera o “futuro” da crítica genética em seu célebre livro, o que ela chama de “estética da produção literária”.

Desta forma, o pensamento de Glissant e os estudos genéticos partem do mesmo ponto. A partir dali, distanciam-se. O núcleo de suas diferenças reside na crítica do martinicano à cronologia. Para ele, a necessidade de criar « cronologias » é própria de uma configuração européia, que não corresponderia à forma de conhecimento das culturas “mestiças” (como a da Martinica e do Brasil). As culturas mestiças veriam o mundo como diálogo e não como imposição de uma cultura. Por isso, as culturas mestiças não teriam lendas relativas à gênese, à origem, como as culturas européias, mas ao choque com outros povos. Elas não teriam necessidade da explicação de uma filiação, mas de uma teoria da relação.

Na cultura da relação, não haveria busca de tempo perdido. As poéticas européias se caracterizariam, segundo Glissant (1981), pela busca de uma origem de um instante onde tudo começou. Para isso, existiria, na Europa, o conceito de inspiração, de momento privilegiado da criação a partir do qual um processo se desenvolveria. Tudo estaria organizado em relação

---

<sup>1</sup> Uma versão deste trabalho foi apresentada no GT de Crítica Genética do XXIII Encontro da Anpoll, ocorrido em Goiânia, em julho de 2008.

<sup>2</sup> Professora de Literatura Francesa da Universidade de São Paulo (USP) e autora do livro *A ficção da escrita* (Ateliê Editorial, 2004) e *Escrever sobre escrever* (Martins Fontes, 2007, com Roberto Zular. É líder do grupo de pesquisa Criação e Crítica e faz parte do Laboratório do Manuscrito Literário.

a esse ponto inicial, em forma de “cronologia”. Tanto críticos quanto escritores tentariam discernir qual é a primeira versão, qual é a segunda e reconstruir desta forma a visão do processo.

Para Glissant, essa visão de mundo não seria possível aos países americanos, nos quais não há uma linha contínua da história. Os povos que aqui viviam foram destruídos, o que teria criado uma rasura inicial e não um ponto inicial. Assim, Glissant refere-se à impossibilidade de reconstruir uma “história” das Antilhas. Mas ele volta à mesma discussão quando ele se centra na necessidade de expressão desses povos. Qualquer narrativa – um romance, por exemplo – deverá sempre se confrontar com a impossibilidade da linearidade e da existência de vazios incontornáveis.

Confrontar o tempo, é então aqui negar a linearidade. Toda cronologia é imediatamente evidente, e na obra do romancista americano é necessário se bater contra o tempo para a reconstituição do passado (...). Nós não o vemos se projetar sobre o nosso passado (e nos levar tranqüilamente ao futuro), mas fazer irrupção em nós por blocos, nos conduzir a zonas de ausência onde nós devemos dificilmente, dolorosamente, recompor tudo se queremos nos re-encontrar e nos exprimir. (Glissant, 1981, p. 255)

Para descrever essas zonas de ausência na criação literária, Glissant apela à tensão entre língua oral-língua escrita na Martinica. Mesmo se hoje em dia há cursos na universidade sobre transcrições do *créole* e há mesmo romances escritos em *créole*, trata-se – segundo Glissant – de uma língua, sobretudo, oral. Não se dispõe de recursos importantes para escrever (por exemplo, uma riqueza vocabular) e, sobretudo, não há público suficiente que possa ler o *créole* para compor um sistema literário (que inclua livrarias, editoras, críticos, revistas literárias).

Mas a língua materna é a língua oral enquanto a língua escrita é a língua imposta pelo outro, posterior, artificial. Assim, toda investida na expressão escrita passará por uma negação, não da língua oral, mas da língua escrita. Em lugar de se negar, o escritor vai negar a escritura. O que se faz sem parar de escrever, mas impondo vazios, paradas, opacidades, que nenhum discurso (nem mesmo um discurso crítico) poderá reconstituir. Assim, podemos mesmo afirmar que Glissant defende uma poética anti-escritural:

Poderíamos conceber – aliás, trata-se de um movimento que se esboça em toda parte – uma espécie de revanche das línguas orais sobre as línguas escritas, em um contexto de uma civilização planetária do não-escrito. A escritura parece estar ligada a uma filosofia transcendental do Ser, que hoje seria investida e substituída por uma problemática da Relação. Em um contexto como esse, aparecerão provavelmente os sistemas globais do desvio imaginário, das arquiteturas não conceituais, das línguas que fulgurarão ou cintilarão em lugar de simplesmente “refletir”. (Glissant, 1981, pp. 240-241)

Mesmo se Glissant começa a sua reflexão de um caso particular – o caso da Martinica -, ele defende que esse movimento se esboça em toda parte. Assim, em toda parte onde podemos observar relações entre as línguas, entre as culturas, podemos olhar essa tendência a não fazer cronologias, a construir narrativas estilhaçadas, impossíveis de reconstituir em cadeias com direções determinadas.

## 1. O PENSAMENTO DO TREMOR

Essas reflexões encontram-se nos seus livros *Le discours antillais* e *Poétique de la Relation*. Agora vou me referir às implicações para a crítica genética que podemos supor a partir da leitura de *Traité de tout-monde. Poétique IV* (1997) e especialmente *La Cohée du Lamentin. Poétique V* (2005), objeto central deste texto. Glissant sempre trata de assuntos semelhantes – já que ele defende como programa o uso da repetição, própria da oralidade – porém aqui podemos pensar em outras implicações para a crítica genética.

Para isso, é necessário primeiro entender os conceitos gerais desses livros, cujo pensamento é bastante difícil de acompanhar, já que ele tenta sempre usar a lógica da oralidade e não criar sistemas de pensamento. Além disso, os seus conceitos são aparentemente baseados na geografia, o que produz estranheza em quem costuma tratar com textos de crítica literária. Até pediria desculpas pela falta de citações, não o faço porque a sua escrita, neste contexto, mais confundiria do que ajudaria a entender.

Mas voltando a seus conceitos. Segundo Glissant, seria possível distinguir um pensamento arquipélago e um outro pensamento continental. Enquanto o pensamento continental agiria como um bloco, que criaria sistemas que se imporiam aos outros povos, o pensamento arquipélago se caracterizaria por trabalhar com discursos paralelos, repetidos e frágeis (Glissant é bastante otimista em relação à geografia da sua ilha natal: ele vê a fragilidade de um lugar atingido por tremores, erupções de vulcões e furacões como uma vantagem). Essa fragilidade e esse paralelismo levariam à idéia de “mobilidade”: as idéias jamais podem ser fixadas, estão sempre em mudança. Assim, enquanto o pensamento continental é rígido, o pensamento arquipélago é móvel.

A escrita faria parte do pensamento continental. Para Glissant, escrever corresponderia a “dizer”, ou seja, se projetar no espaço. Ao dizer, eu criaria um discurso que se imporiam no espaço. Um discurso que sairia de mim e se expandiria. Porém a escrita teria mudado com a irrupção da oralidade, própria dos lugares onde há encontros de culturas, e teria sido invadida pelo pensamento arquipélago. Desta forma, o poeta que antes tenderia a difundir, hoje tenderia a confundir. Com esse “confundir”, Glissant se refere exatamente a perturbar as noções de espaço e de enunciação. Ao ter contato com essa literatura impregnada de oralidade, eu já não sei quem diz o quê, de onde sai o discurso, se o leitor é realmente o receptor, ou se ele é o criador e o criador somente é aquele que percebe isso.

Essa escrita continental irrompida pela oralidade arquipélago criaria uma perturbação própria dos tremores, da erupção de vulcões, dos furacões. A verdade procurada pela literatura seria então a erupção desse movimento das entranhas, esse movimento que jamais poderia ser enunciado como essência ou proclamado como discurso, ele seria apenas explosão de um magma, re-acomodação de uma falha, que teria como efeito visível a re-ordenação do território:

Eu defendo que essas profundezas, esse sangue, essa vibração, são o mundo. O sangue que jorra do mundo. A verdade de certos povos, de certos homens, vêm disso que eles experimentam ao estar em comunhão com esse movimento, o texto do poema o diz de maneira atordoante. (Glissant, 2005, p. 238).

## 2. IMPLICAÇÕES PARA A CRÍTICA GENÉTICA

É bastante evidente como o pensamento deste livro de Glissant se relaciona com a crítica genética. Em primeiro lugar, podemos destacar a sua valorização da figura do arquipélago, que se relaciona com as diversas versões ou estados de um texto que ainda não constituem um bloco, um continente. Em segundo lugar, salta aos olhos a sua valorização do

movimento, que remete à instabilidade da criação literária, com suas hesitações, rasuras e decisões intempestivas.

No entanto, nós normalmente vemos o momento da escritura como um momento de instabilidade e o encontro do texto final como um momento de encontro de uma certa estabilidade. Glissant defende o contrário: o caminho da criação – da criação que lhe interessa, da criação produzida no cerne do choque de culturas – é um caminho que se inicia no pensamento continental (da escrita), que tenta se expandir, e que nesse processo de expansão, é irrompido pelo pensamento arquipélico, próprio da oralidade, até produzir um tremor, um mesmo um terremoto, que mude tudo sem sabermos o porquê. Ou seja, trata-se de um caminho que vai da estabilidade à instabilidade.

Por outro ângulo, se pensarmos no papel da crítica genética, que transforma essa instabilidade em sistema, em hipóteses sobre a escritura, também Glissant vem contradizer a nossa prática. Afinal, nós faríamos o caminho contrário ao do tremor: nós tentaríamos sair do pensamento arquipélico para voltar ao pensamento continental e com isso nos inserir em um saber científico universal.

Essa crítica não se restringe ao trabalho final de ordenação de etapas de criação, mas também às tarefas de quem organiza os arquivos. Como Glissant pensa a criação como irrupção de instabilidade dentro da estabilidade e conseqüente geração de uma grande perturbação, não caberia pensar em “arquivos de uma obra” ou dossiê genético de uma obra. A obra (a lava do vulcão) só se forma a partir da diversidade, da falta de unidade, da impossibilidade de escrever uma obra. A obra é exatamente aquilo que não poderia sair do arquivo dessa obra. Nesse sentido, é muito interessante pensar em como Guimarães Rosa organizou seus arquivos, a partir de pastas temáticas, que impedem e a formação de dossiês de obra.

A partir da leitura da obra de Glissant, é difícil não entrar em crise em relação à crítica genética. Mas, mesmo se eu gostaria de somente expandir a minha crise aos meus leitores, sem oferecer uma solução, aqui tento desenvolver um caminho:

O tremor causado pela escrita, ou melhor, pela leitura da obra, produziria a mesma sensação de um tremor de terra: o terror pela falta de segurança do lugar em que pisamos. A marca do tremor é a estranheza em relação ao espaço. Já não sei qual é o meu lugar, já não sei qual é o lugar do outro, não sei se vamos nos chocar. Isso provoca medo, mas também a certeza de que o espaço se organizará de outra maneira.

O que seria essa instabilidade do espaço da escrita? O momento em que se perde o chão do corpo que escreve, ou seja, a página. Na subversão da estrutura da página, podemos encontrar um rastro desse tremor ou, usando as imagens de Glissant, as marcas da lava no solo. Com isso, eu não me refiro apenas a uma simples subversão da linearidade e a irrupção da rasura, por exemplo.

Cada página apresenta um projeto e ele pode perfeitamente não ser linear, como a página de Perec, que já mostrei em outro trabalho (PINO, 2007). Ela é organizada como lista e então cabe a nós procurarmos entender as palavras que saem dessa lista. Da mesma forma, a página de Proust, que é constantemente perturbada com o acréscimo de rolos de folha no final da página. A página do próprio Glissant se caracteriza por esse deboche com a página tradicional, mas no seu caso é complicado porque essa escritura arquipélica é também seu programa.

A instabilidade do espaço da escrita também pode ser considerada, a partir das idéias de Glissant, como uma estranheza em relação ao corpo. Se o corpo não tem chão, como ocorre em um tremor, então meu corpo não tem eixo, não me sinto mais no mesmo lugar. Outro momento então que deveria ser privilegiado dentro dos estudos genéticos seriam essas

instabilidades da enunciação, essa irrupção do discurso de outro, que pode ser dada pelo trabalho da citação, por exemplo, ou a observação das mudanças de pronomes (de “eu”, “meu”, para uma terceira pessoa ou vice-versa).

Com isso, não quero afirmar que esses estudos não tenham sido feitos, somente que esta é uma perspectiva de recorte de manuscrito. Em vez de tentar encontrar um caminho de criação, ou seja, impor uma estrutura “continental” a um acontecimento que é da ordem do tremor, poderíamos nos centrar nesses vestígios desse tremor, nas cinzas da lava da escrita.<sup>6</sup>

### **Referências bibliográficas:**

GLISSANT, Édouard. *Le Discours Antillais*. Paris : Gallimard, 1981.

GLISSANT, Édouard. *La Cohée du Lamentin*. Paris : Gallimard, 2005.

GRESILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris : PUF, 1994.

PINO, Claudia Amigo. *Criação em debate*. São Paulo : Humanitas, 2007.